

Trazida para o século 21

Casa colonial dos EUA passa por transformação total e recebe sistema de energia em busca da autossuficiência

Steven Kurutz, *NYT* / REPORTAGEM
Trent Bell, *NYT* / FOTOS

Era uma manhã nublada e cinzenta e a cerração pairava sobre o terreno de Stonlea, uma vasta propriedade da Era Dourada (período que vai dos anos 1870 aos 1890) em uma encosta virada para o Lago Dublin, na cidade de mesmo nome, no Estado americano de New Hampshire. Polly Guth, a proprietária, de 87 anos, mostra cômodos da casa, como a sala com a coleção de pergaminhos chineses antigos. Na ala da cozinha, conta que ali era originalmente a área dos fundos para os empregados – uma referência às origens de Stonlea como casa de verão de prósperos plantadores de fumo de Saint Louis.

Depois de um longo corredor, se avistam, em um campo rodeado pela floresta, 16 pedestais de aço gigantes, equipados com painéis solares. “Eu não queria ser discreta com eles. Queria que as pessoas soubessem que a casa é aquecida por painéis solares. Acho que eles fazem uma bela figura”, disse Polly, filantropa e descendente de um dos fundadores da companhia farmacêutica Merck.

Cinco anos atrás, em uma época em que muitas pessoas de sua idade estavam se mudando para um quarto e sala, ela adquiriu esta casa de 1.115 m² em um terreno de 12 hectares. Segundo Hugh Hardy, o arquiteto que a restaurou, a propriedade estava caindo aos pedaços. Mas mais do que apenas restaurar e trazer Stonlea para o século 21, Polly queria que ela não consumisse mais energia do que era capaz de produzir. “Fiz isso para outras pessoas seguirem o exemplo.”

Parte preservação histórica, parte experimento de edifício “verde”, a transformação

Acima, uma das fachadas da casa, construída em 1891 na cidade de Dublin, no Estado americano de New Hampshire. Ao lado, quarto cheio de livros



foi relatada em *Stonlea: A Timeworn Gilded Age Survivor Transformed* (Stonlea: A Transformação de um Sobrevivente da Era Dourada Gastado pelo Tempo, em tradução livre), de Peter W. Clement e Victoria Chave Clement. O livro traz fotos históricas e um relato despojado da reforma, que ocupou dois anos, dois arquitetos, além de engenheiros, especialistas e construtores.

Olga Davidson, filha de Polly, disse que a reforma fazia sentido prático, apesar da idade de sua mãe e dos desafios de casas como Stonlea. “A ideia é pegar o que todos veem como um elefante branco, restaurá-lo e fazê-lo funcional”, disse Olga. E realmente funciona.

Foi ela quem sugeriu a sua mãe a compra de Stonlea. Na época, Polly e o marido, John N. J. Guth, que morreu em maio, viviam entre uma casa que construíram em Corning, Nova York, e em um chateau do século 12 na Suíça. Olga tinha uma casa que um dia fizera parte da propriedade de Stonlea. Quando a casa principal foi à venda, disse à mãe que elas podiam criar um complexo familiar. Polly a comprou por US\$ 1,7 milhão (cerca de R\$ 3,8 milhões), sem olhar.

A reforma foi completa. A casca externa de Stonlea foi desmontada e o edifício foi impermeabilizado: alicerces consertados, peitoris remendados, chaminés repintadas, novo isolamento instalado, o telhado coberto por telhas de madeira e revestimento mais sólidos.